

Gráfica de Guto Lacaz

Uma exposição, muitos trabalhos e um catálogo. É a obra de Guto Lacaz, que percorre os vários meios de expressão do design gráfico. Sempre com um traço minimalista, e se revela em desenhos críticos e concisos - bem-humorados. Paulistano, formado em arquitetura em 1974, Guto logo direcionou sua expressão para o desenho. Para falar do profissional, do colega e amigo, convidamos três expoentes da cultura gráfica brasileira, que juntos iniciaram suas carreiras: Rafic Farah, Ricardo van Steen, Mario Cafiero.

Se considerarmos o tempo que durou o classicismo, o moderno deve durar ainda mais uns séculos. É um privilégio para nós estarmos tão perto ainda de seus criadores. Um dos mais significativos artistas modernos do mundo na atualidade, está bem aqui pertinho; mora no Jardim Paulistano. Em cada uma de suas obras, é evidente o moderno persistindo com extrema vitalidade e sofisticada consciência. Costumo dizer que ele é a reencarnação de Calder. Humor lírico, poesia despojada de adornos. A elegância que só o essencial tem. E, desculpem-me pelo lugar-comum, a essência profundamente paulistana de Guto universaliza sua obra. Ou seria sua radicalidade. Como fazem falta os espíritos radicais no mundo contemporâneo! Quando desenhávamos juntos (ele que, generosamente, me convenceu que eu sabia desenhar), me dizia: seja radical, temos de ser radicais. Quase não há trabalho meu, em que esse seu saber não me acompanhe, em que não me fie lá do nosso início, vendo-o com as canetas a nanquim, traçando sobre o manteiga. Muitas vezes quando escrevo, ou falo, ouço, imagino-o em suas entrevistas, depoimentos, palestras; seus textos têm a mesma concisão de seu design, e de toda sua arte. Arte em seu sentido pleno, maior, de articulação de saberes, de reflexão sobre o real na configuração de um novo saber. Em respeito a ele, não diria aqui que sua obra é genial. Pareceria um “eu te amo” que o amante diz para sua amante no momento do tesão máximo. Ora! sabemos que isso não é amor. Ao apreciar sua obra, compreendemos a lucidez de quem já percorreu caminhos complexos e compreendemos também que o simples não é sopa. E o simples pode ser bonito. Pode ser. No caso dele é sempre. Belo.

Rafic Farah

Foi em Paris, em 1974, que uma amiga apresentou um bloco de sulfite com desenhos em caneta-tinteiro, com cenas inusitadas de humor, feitos por um jovem arquiteto paulista. Guto Lacaz, quando voltei ao Brasil, nos tornamos superamigos. Trabalhei em revistas e livros como diretor de arte, mas sempre desenhei e essa atividade se tornou um forte elo na nossa relação. Eu ficava fascinado com suas criações: tijolos com alça, régua com rodinhas, cata-ventos, rádios-pescadores, e ainda desenhava em papel sulfite. Lembro que dei a ele um papel Schoelller. Ele me deu um canivete suíço e um imã. Em 1982, ele fez sua primeira individual na Galeria São Paulo, depois Bienal. Performances Art Cidade. Brazil Project Usa. Georges Pompidou, Paris... e não parou mais! É o artista que nos inspira por sua capacidade criadora e grande amigo por sua fidelidade.

Mario Cafiero

O que eu mais lembro dessa fase é do bom humor. Tanto Guto quanto Rafic eram muito engraçados e só pensavam em resolver problemas de alguma maneira bem-humorada. O Guto sempre vinha com soluções extremamente bem-estudadas, seus croquis e artes-finais eram tão lindos, objetos do meu desejo total. Em todos estes anos só consegui roubar uns dois ou três, infelizmente. Com eles a conversa sempre foi na direção do desconhecido, muito mais que no

universo de referências. A gente nunca teve muito hábito de ficar trocando figurinhas. Naquele tempo, a gente pensava em revolução como qualquer jovem. e passávamos dias e noites imaginando como quebrar tudo e fugir da mesmice.

Fizemos, a três mãos, a marca para nosso estúdio, que ficou uma jóia. Todos nós a mantemos em nosso portfólio até hoje. O Guto me ajudava muito na criação das revistas, sobretudo a que fizemos para a Pirelli. Daquela época já sob a batuta do Mario Cohen. Cada sessão de diagramação era apreciada por mim como se fosse uma execução de música ao vivo. Discutíamos até filosofia para decidir se uma vírgula devia ficar solta no espaço ou não. Os parâmetros do Guto eram muito definidos, os meus também. Não eram muito parecidos (o meu era bem mais rebuscado que o dele), o que rendia trabalhos sempre novos para nós dois. Fizemos uma embalagem de fechadura que era tão moderna e inventiva quanto a própria, uma raridade naqueles tempos.

De uns anos para cá passamos a colaborar menos, mas continuamos nos encontrando com regularidade e falamos sempre sobre nossos trabalhos. O Guto sabe criticar construtivamente, outra raridade nos dias de hoje!

Richard Van Steen